



***Dux et Rex: poder e legitimidade nas representações imagéticas dos governantes boêmios na Idade Média Central***

***Dux et Rex: power and legitimacy in pictorial representations of bohemian rulers in Central Middle Ages***

***Dux et Rex: poder y legitimidad en las representaciones de imágenes de los gobernantes bohemios en la Edad Media Central***

Vinicius Cesar Dreger de ARAUJO\*

**Resumen:** En la gran antología de *Minnerlyrik* compilada en las primeras décadas del siglo XIV, encargada por Rüdiger Manesse y su hijo, ahora conocida como *Große Heidelberger Liederhandschrift* o más comúnmente *Codex Manesse*, podemos destacar la presencia del único autor (de 137 catalogados allí) no alemán: el rey Wenzel von Beheim (en *Hochmittelddeutsch*) o, más propiamente, Václav II de Bohemia. Comenzamos nuestro estudio con el análisis de esta representación iconográfica en el Estado consolidado. A continuación, vamos a realizar un análisis de los elementos clave de poder, autoridad y la legitimidad del poder de los duques de Bohemia. Entonces comenzamos una “Arqueología de las Representaciones” de un *corpus* de imágenes basado principalmente en Numismática y Sigilografía, cuyas piezas se incluyen en un arco cronológico que se extiende desde 1086 hasta 1278, de la que vamos a dibujar un estudio crítico de la vía de desarrollo tanto de las imágenes como del poder y de la legitimidad de estos gobernantes y expresado por ellos en el mismo. Cada vez más, el uso del análisis de las representaciones de imágenes permite a los medievalistas reevaluar la historia política de la Edad Media, lo que nos permite una visión más profunda de la Cultura Política desarrollada en muchas regiones europeas diferentes, y las imágenes y fuentes aquí reunidos tienen como objetivo un estudio sobre Bohemia, la región que hoy es más o menos el territorio de la República Checa: un ducado, entonces reino de gran riqueza material y gran importancia política entre los siglos XIII y XV.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

**Abstract:** In the vast anthology of *Minnerlyrik* (now known as *Große Heidelberger Liederhandschrift* or more commonly *Codex Manesse*), compiled during the first decades of the fourteenth century, commissioned by Rüdiger Manesse and his son, we can highlight the presence of the single author (from the 137 catalogued there) proven as a non-German: The King Wenzel von Behein (in *Hochmitteldeutsch*) or, more appropriately, Václav II of Bohemia. Our study begins with the analysis of iconographic representation in the consolidated state. Next, we will perform an analysis of the key elements of power, authority and legitimacy of power of the Bohemian dukes. Then we will start an “Archaeology of Representations” from a imagery *corpus* based primarily on Numismatics and Sigillography, whose pieces are included in a chronological arc extending from 1086 to 1278, from which we will draw a critical study of the development path both of images as the power and legitimacy of these rulers and expressed by them in the same representations. Increasingly, the use of analysis of iconographical representations allows the medievalists to reassess the political history of the Middle Ages, enabling us to have deeper insights on the Political Culture developed in many different European regions. The images and sources discussed here aim to develop a study about Bohemia, the region which is roughly the territory of the Czech Republic today: a duchy, then a kingdom of great material wealth and great political importance between the thirteenth and fifteenth centuries.

**Keywords:** Political Iconography – Duchy of Bohemia – Kingdom of Bohemia – Holy Roman Empire – Middle Ages.

**Palabras-clave:** Iconografía Política – Ducado de Bohemia – Reino de Bohemia – Sacro Imperio Romano – Edad Media.

ENVIADO: 09.07.2015

ACEPTADO: 22.07.2015

\*\*\*

## Introdução

Na grande antologia da *Minnerlyrik* compilada nas primeiras décadas do século XIV, encomendada por Rüdiger Manesse e seu filho, hoje conhecida como *Große Heidelberger Liederhandschrift*<sup>1</sup> ou mais comumente *Codex Manesse*, podemos destacar a presença do único autor (dentre os 137 ali catalogados)

---

\* Vinicius Cesar Dreger de Araujo é Professor efetivo (adjunto) de *História Medieval* na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Site: <http://unimontes.br>. E-mail: [viniciusdreger@hotmail.com](mailto:viniciusdreger@hotmail.com)

<sup>1</sup> Biblioteca da Universidade de Heidelberg, *Codex Palatinus Germanicus* 848.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

comprovadamente não-germânico: o rei “Wenzel von Behein” (em *Hochmittelddeutsch*) ou, mais apropriadamente, Václav II da Boêmia.<sup>2</sup>

Iniciaremos nosso estudo com a análise desta representação iconográfica em estado consolidado. A seguir, realizaremos uma análise dos principais elementos de poder, autoridade e legitimidade do poder dos duques boêmios.

Em seguida iniciaremos uma “Arqueologia das Representações”, a partir de um *corpus* imagético baseado principalmente na Numismática e na Sigilografia, cujas peças abrangem um arco cronológico que se estende de 1086 a 1278, a partir das quais traçaremos um estudo crítico do percurso do desenvolvimento tanto das imagens quanto do Poder e da Legitimidade desses governantes e expressadas por eles nas mesmas.

Cada vez mais, o recurso às análises das representações imagéticas vem permitido aos medievalistas reavaliar a história política do Medieval, nos possibilitando *insights* mais profundos da Cultura Política desenvolvida nas mais diferentes regiões europeias, sendo que as imagens e fontes aqui reunidas objetivam um estudo a respeito da Boêmia, região que hoje equivale, grosso modo, ao território da República Tcheca.

Um ducado, depois reino, de grande riqueza material e grande importância política entre os séculos XIII e XV, porém virtualmente desconhecido pela historiografia medievalista brasileira, com apenas uma exceção, os estudos de Thiago Borges de Aguiar (FE-USP), contudo focados em Ján Hus e seu *milieu*, os séculos XIV e XV.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Embora exista em Língua Portuguesa a transliteração “Venceslau” para “Václav”, optamos por empregar a grafia tcheca para os nomes de seus governantes posto que o mesmo não ocorre para a maioria dos outros nomes, como “Vratislav”, “Bořivoj” e “Přemysl”, por exemplo. Para melhor guiar o leitor nas peculiaridades da história política boêmia do período aqui analisado, acrescentamos em anexo uma tabela com as grafias tchecas, as datas de tenência ducal ou reinado e as relações de parentesco dos governantes boêmios entre 1061 e 1306.

<sup>3</sup> Principalmente sua tese de doutoramento *Jan Hus: As cartas de um educador e seu legado imortal*, defendida em 2010 e publicada pela editora Annablume em 2012.

## I. O rei Václav II no *Codex Manesse*<sup>4</sup>

### Imagem 1



Václav II, *Codex Palatinus Germanicus* 848, fl.10r<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Um trabalho pioneiro com a mesma fonte foi publicado na revista *Brathair* por Ricardo da Costa e Alyne dos Santos Gonçalves – *Brathair* 1(1), 2001, pp. 03-12. *Internet*, <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/677/606>. O texto aborda as miniaturas do manuscrito de forma muito próxima à adotada por Ingo Walther e Gisela Siebert, com breves análises de cada imagem.

A iluminura que representa o monarca boêmio serve como introdução às suas canções preservadas no manuscrito, é um exemplar soberbo de representação régia, rivalizando apenas com a miniatura devotada ao imperador Henrique VI que a antecede na mesma fonte.<sup>6</sup>

Ingo Walther e Gisela Siebert<sup>7</sup> notaram que a imagem foi composta como um arranjo cênico (procedimento comum na elaboração das imagens do *Codex Manesse*), que tem como objetivo representar a corte boêmia em seus principais elementos, segundo o anônimo iluminador. Nesse arranjo, o Rei se encontra no primeiro plano da cena, ocupando cerca de 2/3 da faixa vertical central da imagem. Além da posição destacada, seu tamanho é maior do que o das outras figuras presentes; isso se trata de um índice representativo da importância de determinado personagem, um *topos* característico da “semântica” iconográfica medieval.

Ele traz consigo as *regalia*, os objetos que simbolizam suas funções, poder e autoridade: a Coroa e o Cetro flordelizados<sup>8</sup>, traja ricas vestes nos metais heráldicos dourado e cinza (na verdade prata, oxidada) e nas cores azul e vermelho, além da presença da pelagem conhecida na heráldica germânica como *Kiirsch*. Encontra-se sentado, na pose “em majestade”, num trono sem espaldar, remanescente de uma cadeira curul<sup>9</sup> e emulando a figura do Cristo em Majestade. Ademais, a presença da rara cor púrpura no trono é outra indicação de seu poder, já que é tradicionalmente associada aos imperadores romanos.

O monarca se encontra ladeado por seus cortesãos e serviçais, tanto civis quanto militares, que configuram um segundo nível analítico da imagem.

---

<sup>5</sup> Fonte: WALTHER & SIEBERT, 1988:09. *Internet*, <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/cpg848/0015?sid=1d10d939e8bd7abeb5812033ccf44afd>.

<sup>6</sup> E por nós analisada no artigo “Henrique VI de Hohenstaufen em majestade: Uma análise de suas representações imagéticas entre o *Liber ad honorem Augusti* (1197) e o *Codex Manesse* (1340)”, *Revista Opsiis*, Catalão: UFG, v.14, n.2, jul./dez. 2014, p. 339-359.

<sup>7</sup> WALTHER & SIEBERT, 1988: 08.

<sup>8</sup> O lírio foi associado ao Cristo desde a passagem “Considerai como crescem os lírios do campo; não trabalham nem fiam”, nos relatos do Sermão da Montanha presentes nos evangelhos de Mateus [6, 28] e Lucas [12, 27], sendo que este último também liga esta flor a Salomão, fornecendo ao imaginário imagético medieval o significado do lírio como símbolo associado à Justiça.

<sup>9</sup> *Sella curulis*, um dos símbolos associados ao *imperium*, poder político-militar concedido pelo Senado romano aos altos magistrados, como cônsules, procônsules e legados.

Aliás, sua disposição no arranjo cênico explicita o funcionamento da corte monárquica: o rei à testa, secundado por cavaleiros e administradores, os pilares do exercício do poder régio. O arranjo é rigidamente hierarquizado, organizado segundo princípios sociais e níveis de poder: obviamente o primeiro nível é o do Rei. O segundo é o dos grandes oficiais da corte: em pé, na lateral esquerda da imagem, está um cortesão (em tamanho grande) portando uma espada erguida apoiada no ombro (supõe-se que se trata do marechal do reino, principal comandante das tropas do rei, segurando a espada do monarca); na lateral direita, em pé está um servidor civil, não eclesiástico (não apresenta tonsura ou trajes clericais), aparentemente recebendo do rei um grande cálice dourado (insígnia da função do Rei da Boêmia como Arquicopeiro da corte imperial, cargo de extrema confiança, posto que devesse servir vinho ao Imperador durante as cerimônias de coroação e nas assembleias imperiais), sendo provavelmente o senescal da corte boêmia.

O terceiro nível envolve as duas figuras ajoelhadas próximo às duas do segundo nível. À esquerda podemos ver um cavaleiro em cota de malha, desarmado e recebendo uma faixa do marechal. Trata-se, possivelmente de um cinturão (*cingulum*), um dos objetos simbólicos recebidos pelos cavaleiros quando de sua cerimônia de adubamento cavaleiresco. Seria admissível que o marechal tivesse utilizado a espada do Rei para realizar a acolada, os golpes cerimoniais que faziam parte do ritual.

No lado direito, também ajoelhado, mas, aparentemente, cerca de uma cabeça maior que o cavaleiro, seu análogo no arranjo, se encontra outro cortesão, talvez um camareiro, oferecendo ao rei um orbe dourado, o assim chamado Pomo ou Maçã do Reino, símbolo de poder associado às tradições imperiais romanas (antigas e medievais), significando o domínio sobre o mundo. Contudo, a partir do declínio do poder imperial após a morte de Frederico II (1250), o emprego do orbe na representação de outros monarcas europeus se tornou comum, presume-se que em consonância com um preceito jurídico do período: *Rex imperator est in regnum suo*, ou seja, o Rei, em seu reino, é como o imperador, implicando que ali não existe autoridade maior. Contudo, desde muito antes disso o orbe já podia ser identificado como um dos símbolos da soberania.

Por fim, encontramos as menores figuras do arranjo, os dois músicos (um violeiro e um chameleiro), com as mãos estendidas, ajoelhados aos pés do

rei, aguardando pela recompensa. Seu tamanho denota sua posição social como *humiliores*, termo que também possui a conotação de pequenez e incapacidade de defesa. O gestual dos músicos concede à imagem o sentido tradicional de Elogio ao Príncipe, ação empregada pelos entretenedores nas cortes para captar as recompensas dadas pelos aristocratas.

Existe um último elemento a ser observado na imagem: os dois brasões nos cantos superiores do arranjo cênico. À esquerda do rei está o brasão da Boêmia, um leão rampante de cauda dupla em prata, com uma coroa dourada, sobre campo vermelho. À direita, está o brasão da Morávia, com uma águia quadriculada em vermelho e prata (oxidada) sobre campo azul. É o único caso no *Codex* em que um poeta apresenta dois brasões. Aliás, é interessante que o manuscrito empregue, para todos os autores representados, dispositivos heráldicos, indicando-nos que estes já estavam plenamente integrados ao *modus vivendi* da nobreza germânica da primeira metade do século XIV, ao ponto em que tal identificação já fazia parte da linguagem iconográfica desta camada social. É interessante notarmos que esta figuração, composta nas primeiras décadas do século XIV na Suíça, dialogasse diretamente com a autoimagem da monarquia boêmia, conforme expressa no selo régio de Václav II, como podemos observar abaixo.

### Imagens 2 e 3



Anverso e reverso do selo régio de Václav II.<sup>10</sup>

<sup>10</sup> *Internet,*

[https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Wenceslaus\\_II\\_of\\_Poland\\_and\\_Bohemia](https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Wenceslaus_II_of_Poland_and_Bohemia).

Podemos perceber de imediato a semelhança do posicionamento do monarca e das *regalia* empregadas pelo mesmo em ambas as imagens, enquadrando-as em um longo e amplo histórico desta representação monárquica no Ocidente medieval. A presença dos dispositivos heráldicos representativos da Boêmia e da Morávia se encontram tanto nos flancos do trono no anverso do selo quanto perfeitamente integrados ao *vexillum*<sup>11</sup> (leão boêmio), escudo (águia morávia) e *caparison*<sup>12</sup> (ambos) na imagem cavaleiresca de Václav no verso do selo.

O desenvolvimento geral deste tipo de representação régia, particularmente no âmbito do Sacro Império (do qual a Boêmia fazia parte formal), foge ao escopo do presente artigo, tendo sido explorado em texto anterior<sup>13</sup>. Contudo, gostaria de pinçar algumas considerações importantes:

- A origem deste tipo de figuração se encontra na transposição das imagens do Cristo em majestade para a representação dos monarcas imperiais da dinastia Otônida a partir de fins do século X.
- A necessidade de sua estereotipificação e da retratação da função monárquica ao invés de suas feições individuais se encontra ligada ao processo de distanciamento entre o governante e seus súditos e a implementação de seus atos cancelados por seus selos, permitindo que suas imagens atuassem como avatares de sua autoridade, presentificando-a onde quer que o documento fosse apresentado. Esta linguagem de representação visual do monarca e o emprego dos mesmos elementos de autoridade de tornaram símbolos visíveis e imediatamente inteligíveis do poder, tornados universais na Cristandade Latina.

Assim, tanto na iluminura quanto no selo, não é Václav Přemysl que se encontra retratado, mas sim, suas funções e poder como Rei da Boêmia e Polônia, Margrave da Morávia e Protetor do Reino da Hungria e Croácia<sup>14</sup> (seus títulos

---

<sup>11</sup> Denominação medieval para o pendão na lança, NIERMEYER, 1976: 1085.

<sup>12</sup> Nome específico da capa sobre a montaria, NICOLLE, 1999: 360.

<sup>13</sup> ARAUJO, 2014: 351-355.

<sup>14</sup> Václav II (1278-1305) foi o beneficiário das políticas conduzidas por seus ancestrais imediatos: grandemente enriquecido pela produção de prata de Kutná Horá (uma das mais importantes da história econômica medieval), Václav recorreu mais à diplomacia e à bolsa do que às armas para alcançar seus objetivos. Como resultado de uma série de uniões dinásticas que envolviam a parentela feminina da linhagem e grandes senhores poloneses,





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

antes de seu falecimento em 1305). Contudo, devemos sublinhar o ponto de que estas imagens se configuram como representações maduras deste poder. Necessitamos agora realizar uma “Arqueologia das Representações” para compreender o processo e as ilações subjacentes ao desenvolvimento das concepções de poder, autoridade e legitimidade nas terras boêmias, tanto como ducado quanto como, posteriormente, reino.

## II. Poder, autoridade e legitimidade nas terras boêmias

### II.1. O papel do governante no panorama interno boêmio

O ducado boêmio como entidade política não surgiu, como a maioria dos ducados germânicos, de sub-reinos carolíngios ou de atos constitutivos originados na chancelaria imperial, mas de forma autóctone por volta de 880, como parte da fragmentação do assim chamado Império da Grande Morávia e, reconhecido a partir da aliança firmada em 895 entre o rei franco oriental Arnulfo de Caríntia e os duques da linhagem Přemíslida.

Assim, as bases de seu poder doméstico funcionavam de modo muito diferente do que acontecia nos ducados germânicos: os duques boêmios desfrutavam de extraordinária riqueza e indisputada predominância nas terras tchecas. Eles mantinham completo controle sobre todas as fortificações e designações de castelões para guarnecê-las e manutení-las (que, aliás, eram distribuídas e retiradas conforme ordens ducais), além de manter jurisdição suprema. Ademais, os duques ainda podiam compelir seus súditos (no caso todos os homens livres – nobres ou camponeses – que compunham grande parte da população, ao contrário de outras regiões europeias) a prestar serviços militares, assim como construir castelos, pontes, estradas e barreiras, quando requerido.

---

incentivadas por seu pai e avô, Václav acabou por herdar diversos ducados poloneses, como Opole, Silésia, Cracóvia e Sandomierz (entre 1289 e 1291), o que levou a nobreza polonesa a oferecer-lhe o trono em 1300 (política cujos meandros foram magistralmente analisados por Robert Antonín em seu livro *A política externa do rei Václav II entre os anos 1283-1300* [*Zabriněni Politika Krále Václava II v Letech 1283-1300*]). Em 1301 os magnatas húngaros e croatas ofereceram o trono magiar a seu filho, Václav III, ainda menor, o que fez com que Václav II assumisse o poder como protetor da Hungria e Croácia até sua morte em 1305, momento em que era efetivamente um dos mais poderosos monarcas europeus.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

Sob seu controle também estava a vida econômica de seus súditos, através da centralização da cunhagem monetária em Praga (e as moedas eram emitidas em nome dos duques), fato importantíssimo, já que se pôde constatar (principalmente por meio da cultura material), que, durante o século XI houve uma monetarização plena na Boêmia (possivelmente estimulada pela abundância de metal precioso em seu território). Além disso, os duques concentravam tesouro substancial, amealhado a partir de ampla gama de impostos, taxas, pedágios e arrecadações anuais.

O uso corrente de numerário por todas as camadas sociais<sup>15</sup>, associado à centralização ducal das emissões, veio a tornar as moedas em mais do que um mero meio de circulação de valor, mas também em um meio de comunicação simbólica que atingia a massa populacional.

Os duques Přemíslidas tinham à sua disposição muito mais terras – aráveis e, especialmente, florestas desabitadas – do que os mais ricos magnatas boêmios. O poder dos duques era vasto e – ao menos fora da Morávia – dificilmente dividido por meio de delegações.

Como bem observou Lisa Wolverton<sup>16</sup>, os governantes boêmios, embora exercessem esse poderio vasto e intrusivo, não possuíam senhorio territorial de caráter feudal, mas sim eram líderes.

A essência do poder ducal nas terras boêmias não estava no senhorio feudal, nem em algum análogo ducal da realeza, mas sim na *liderança político-militar* por eles exercida, provavelmente originada a partir da condição de líderes guerreiros nos séculos VIII – IX, particularmente no período de dissolução da Grande Morávia. Os trabalhos de Charles Bowlus<sup>17</sup>, Petr Charvát<sup>18</sup> e David Kalhous<sup>19</sup> nos abrem perspectivas interessantíssimas tanto para a compreensão dos processos formativos da Boêmia como entidade política, quanto para os relativos à constituição do poder e autoridade ducais na região,

---

<sup>15</sup> Segundo Wolverton (2001: 25): “Pessoas de todas as camadas sociais estavam acostumadas a portar e utilizar cotidianamente as moedas em suas transações”.

<sup>16</sup> WOLVERTON, 2001:266.

<sup>17</sup> *Franks, Moravians, and Magyars: The Struggle for the Middle Danube, 788-907*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

<sup>18</sup> *The Emergence of the Bohemian State*, Leiden: Brill, 2010.

<sup>19</sup> *Anatomy of a Duchy - The Political and Ecclesiastical Structures of Early Přemyslid Bohemia*, Leiden: Brill, 2012.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

cujas origens não carolíngias os fazem divergir dos exercidos no restante do Império (Germânia, Lombardia e Borgonha).

Um *dux* lidera seus guerreiros em batalha, busca se assegurar da vitória e distribuir butim; no mínimo ele deveria organizar expedições de pilhagem para enriquecer a si e a seus seguidores. Contudo, esta forma de poder possui vulnerabilidades estruturais inerentes.<sup>20</sup>

Para os duques boêmios, tudo dependia de suas habilidades como líder: seus direitos, recursos e obrigações derivavam daí, assim como também a reverência e o respeito a eles destinados como *duces*.

Por volta das primeiras décadas do século XI, embora não se saiba exatamente quando ou como, o duque boêmio já havia se tornado líder de mais do que seus próprios dependentes e responsável por mais do que apenas a liderança militar. Ele se encontrava no cerne de uma sociedade cada vez mais complexa. Dentre as obrigações mais amplas que passaram a pertencer à alçada do Duque como governante de uma comunidade expandida e diversificada, figura com proeminência a provisão de justiça para todos; como Perry Anderson bem observou, esta tarefa se constituiu como a principal função do governante medieval além de principal modalidade do exercício de poder secular.<sup>21</sup>

Todavia, é necessário que sublinhemos o fato de que, embora os duques boêmios fossem tremendamente poderosos, não podiam ser considerados como absolutos. Sua liderança podia ser contestada e o era vigorosamente pelos magnatas dentre os homens livres, principalmente durante os momentos de fragilidade dos governos ducais: derrotas militares e sucessões. As primeiras enfraqueciam o carisma da liderança e as segundas, abastecidas pela ausência da sucessão por primogenitura, permitiam aos aristocratas a chance de obter concessões aos Přemíslidas envolvidos na disputa sucessória.

---

<sup>20</sup> “A liderança, quando contrastada à Realeza ou ao Senhorio Feudal, é inerentemente instável, sempre questionada, defendida e reafirmada de acordo com as normas prevalecentes na comunidade. A ela carece a permanência de *status* e precisa, ao invés, ser continuamente demonstrada em ampla gama de circunstâncias e em constante mudança”, WOLVERTON, 2001: 267

<sup>21</sup> ANDERSON, 2000: 144-148.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

Uma possível solução para esta situação surgiu de um feliz acaso: na segunda metade do século XI, mais precisamente em 1086, o duque Vratislav (1061-1092) foi elevado a um nível político e simbólico superior ao de outros membros da linhagem Přemíslida e dos magnatas da aristocracia tcheca, por meio de uma coroação régia concedida pelo imperador germânico Henrique IV. Vratislav recebeu sua coroa, claramente como uma recompensa à sua lealdade ao Império, prestada durante todas as convulsões que conturbaram o reinado de Henrique (como a Guerra Saxônica e as guerras civis derivadas da Contenda das Investiduras) e, ao mesmo tempo, o ato de elevação à realeza serviu como uma reafirmação do poder imperial frente ao Papado Gregoriano.

Assim, os duques boêmios passaram cada vez mais a recorrer à autoridade imperial germânica como contrapeso às oposições internas. E também descobriram o valor da realeza.

## **II.2. O papel dos governantes boêmios frente aos imperadores germânicos**

As terras boêmias eram parte do Sacro Império Romano; contudo, não pertenciam a ele, diferentemente dos outros ducados germânicos. Os duques boêmios se encontravam sujeitos à autoridade imperial e seu *status* subordinado lhes implicava certas obrigações<sup>22</sup>, mas eles retinham, na prática, completa autonomia. O monarca germânico, por outro lado, se beneficiava de um contínuo envolvimento e aliança com os governantes boêmios, especialmente em momentos de crise no Império. De fato, durante o século XIII, o longo legado de apoio aos imperadores, prestado além dos limites das obrigações costumeiras e em períodos de mais profunda necessidade, propeliu os governantes boêmios a uma posição proeminente que seguramente levou à sua inclusão entre os sete eleitores imperiais.

Simultaneamente, a distância geográfica entre os dois potentados era um componente crucial em seu relacionamento cordial e mutuamente benéfico. Os interesses dos imperadores mantinham-nos engajados com os duques Přemíslidas, mas não eram tais que, em geral, lhes exigissem posicionamentos ativos em consideração a duques específicos ou outros assuntos internos boêmios. Por parte dos duques, o principal interesse se encontrava na

---

<sup>22</sup> Principalmente a prestação de apoio militar aos imperadores.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

utilização da autoridade imperial, que podia ser invocada em apoio a seus governos, sem qualquer abdicção de poder. Era, ao menos em teoria, uma arma poderosa para ser empregada contra os homens livres boêmios (categoria que abarcava os magnatas territoriais, burgueses e camponeses livres).

As interações cada vez mais frequentes entre os duques boêmios e os imperadores germânicos – cada ocasião providenciando um precedente para a próxima – e os apelos à justiça imperial (frequentemente acompanhados de pedidos de apoio militar), simultaneamente serviam para esclarecer e fortalecer a já reconhecida autoridade superior do imperador nas terras boêmias. Os duques Vladislav II e Přemysl Otakar I inspiraram-se em tal autoridade e exploraram os recursos que podiam oferecer ao imperador nos momentos de necessidade deste, para assegurar a si mesmos o *status* régio, juntamente com suas insígnias e rituais. Embora a investidura e outros esforços de designação tivessem consistentemente falhado como métodos sucessórios, na coroação jaziam as sementes do sucesso.

Um dos objetivos da promoção à realeza, suprema razão do porque ela foi tão consistentemente buscada por Vladislav e Přemysl Otakar, era que o duque assim adquiriria pelas mãos do imperador, uma parcela da autoridade que este possuía. Ao se tornar rei, o duque mantinha a mesma posição subordinada ao imperador que anteriormente ocupava, enquanto tentava, no plano doméstico, elaborar um novo entendimento abstrato de sua própria autoridade agora imbuída com os ideais da realeza cristã e livre da vulnerabilidade às manobras dos homens livres, geradas pelas conflituosas sucessões ducalis. Lisa Wolverton astutamente percebeu o nexos da relação que veio a ser desenvolvida entre os duques boêmios e os imperadores.<sup>23</sup>

Mas, tal estratégia não vinha sem riscos. Um imperador decidido a interferir nos assuntos boêmios (o que era incomum), poderia utilizar-se de sua prerrogativa e impor seus candidatos à tenência ducal, como Frederico I *Barbarossa* e Henrique VI fizeram entre 1172 e 1197.<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> “Assim, não apenas os duques boêmios podiam potencialmente tirar vantagens de sua posição subordinada aos imperadores, como eles **necessitavam** deixar muito claro o reconhecimento do imperador como uma autoridade superior e externa para poder concretizar seus planos”, WOLVERTON, 2001:263.

<sup>24</sup> Como pode ser claramente constatado na tabela em anexo no final do artigo.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

Como podemos deprender da análise inicial da representação de Václav II no *Codex Manesse*, os governantes boêmios não importaram apenas modelos ideológicos da Germânia imperial, mas também elementos culturais e mesmo população, sendo que a história da população germânica na Boêmia se estendeu até o final da Segunda Guerra Mundial, quando os assim chamados alemães dos Sudetos foram expulsos da Tchecoslováquia.

Desde o início destas relações os boêmios mantiveram posturas ambivalentes perante seus vizinhos mais poderosos. Em questões políticas e culturais eles procuravam emular os forasteiros germânicos. Contudo, ao mesmo tempo se ressentiam de sua prosperidade e realizações, especialmente quando estes germânicos passaram a receber favores especiais e benesses dos governantes boêmios, principalmente no correr do século XIII.

Durante o reinado de Přemysl Otakar I, ocorreu a chegada da primeira onda de imigrantes alemães, sob convite do monarca, para se estabelecerem naquela região que veio a se tornar a terra dos Sudetos, com o objetivo de desenvolver a agricultura em região pouco ocupada. O desenvolvimento das tecnologias de mineração e a necessidade de explorar as ricas jazidas de prata descobertas na Boêmia incentivaram o convite e o estabelecimento de novos imigrantes germânicos, principalmente durante os reinados de Václav I (1230-1253)<sup>25</sup> e Přemysl Otakar II (1253-1278).

O estabelecimento destes imigrantes resultou no enriquecimento ainda maior dos monarcas boêmios (ao ponto de Přemysl Otakar II ser apelidado de “o rei de Ouro e Ferro”) e no aumento da rejeição dos homens livres (tanto nobres quanto plebeus) à presença germânica na região. Como bem destacou Alfred Thomas, se pode encontrar reflexos diretos desta situação no estabelecimento da literatura vernácula boêmia no século XIII: a corte produz *Minnelyrik* em Alto médio alemão, enquanto o clero e a baixa aristocracia produzem literatura moralizante em Tcheco: “É uma ironia interessante que a literatura

---

<sup>25</sup> Durante o reinado de Václav I (1230-1253), houve a descoberta de importantes jazidas de prata em Kutna Hora, Stříbrná e Příbram; a exploração das mesmas demandava a existência de grande número de mineiros e artífices especializados, que passaram a migrar para a Boêmia advindos da Germânia e da Flandres. O crescente fluxo de capitais também atraiu considerável quantidade de comerciantes germânicos e mesmo de camponeses para a abertura de novas fronteiras agrícolas.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

tcheca tenha surgido e florescido como uma reação ideológica à influência germânica nos assuntos de Estado boêmios”.<sup>26</sup>

Embora eslavos estes monarcas se viam como culturalmente germânicos e desejavam transformar Praga em um grande centro cultural germânico com o intuito de ampliar seu prestígio entre os príncipes do Império, ambição que foi concretizada posteriormente por sucessores como os Luxemburgo e Habsburgo nos séculos XIV e XV.

### **III. A iconografia oficial dos governantes boêmios: Numismática e Sigilografia**

Todas as emissões monetárias dos séculos XI e XII possuem o duque em sua elaboração iconográfica (WOLVERTON, 2001: 248). A partir de meados do século o trono e a lança com *vexillum* consistentemente aparecem nas moedas como emblemas (ou acessórios?) iconográficos dos governantes representados tanto em busto quanto eretos. Como atributo ducal, a lança com ou sem *vexillum*, é encontrada de forma intercambiável.

Foi durante a tenência ducal de Vratislav, particularmente após sua coroação régia em 1085, que o trono passou a figurar rotineiramente no programa iconográfico dos governantes boêmios.

É interessante avaliarmos a ascensão régia de Vratislav no contexto da política imperial de Henrique IV: o sínodo de 1085 em Mainz teve como foco “a paz da Igreja e da comunidade”<sup>27</sup>, não apenas na Germânia, mas também na Boêmia. O duque Vratislav estava presente com seus irmãos, Konrád, margrave da Morávia e Jaromír, bispo de Praga (e, até recentemente, Chanceler para o reino germânico). Durante o sínodo ocorreram tanto a fixação das fronteiras da diocese de Praga (em conflito com a diocese de Omoluc, na Morávia) quanto a promoção de Vratislav à dignidade régia, duas questões diretamente ligadas ao conflito entre o Império e o Papado gregoriano.

---

<sup>26</sup> THOMAS, 1992: 200.

<sup>27</sup> ROBINSON, 2004: 251.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

O diploma imperial para Praga de 29 de Abril de 1086<sup>28</sup> registra que Jaromír havia se queixado ao imperador “que o episcopado de Praga havia sido dividido e diminuído” pela criação da diocese de Omoluc. O sínodo de Mainz resolveu esta queixa pela incorporação de Omoluc à diocese de Praga. Isso foi a bem-sucedida culminação da longa luta de Jaromír contra o bispo Ján I de Omoluc, iniciada em 1068, que veio a envolver o duque (que havia constituído a diocese de Omoluc), o metropolitano (o arcebispo de Mainz) e mesmo o papa.

Vratislav havia imitado seus antecessores em suas tentativas de assegurar-se dos direitos ducais de investidura nos bispados boêmios, ao mesmo tempo em que tentou estabelecer Praga como um arcebispado independente de Mainz e da estrutura eclesiástica do reino germânico, buscando a amizade do papado reformista para este fim. Contudo, devido à natureza de seu domínio sobre a Igreja local, suas demandas não foram atendidas por Gregório VII, então, o duque se reaproximou de Henrique IV e se beneficiou cada vez mais do patrocínio régio, tendo recebido as marcas da Lusácia inferior, de Meißen e da Áustria: generosidade que culminou com a concessão do título régio no sínodo de Mainz. Assim, Henrique IV conseguiu pacificar as tensas relações entre Vratislav e Jaromír ao conceder vantagens a ambos: a supremacia episcopal sobre as terras boêmias para Jaromír e a coroa para Vratislav.

De acordo com a crônica de Cosmas de Praga, o imperador elevou Vratislav à realeza no sínodo de Mainz “com a aprovação de todos os príncipes de seus domínios”. “Ao colocar o diadema régio na cabeça de Vratislav com sua própria mão, o imperador ordenou ao Arcebispo Egilbert de Trier que o ungissem como rei em sua cidade de Praga e colocasse o diadema em sua cabeça”<sup>29</sup>, atos realizados por Egilbert a 15 de Junho de 1086.

Destacam-se dois aspectos incomuns nestes arranjos para a coroação de Vratislav: primeiro, o dilatado intervalo de mais de um ano entre a decisão no sínodo de Mainz e a cerimônia em Praga e, em segundo, o fato de que a coroação seria realizada pelo arcebispo de Trier, ao invés do metropolitano da Igreja Boêmia, o arcebispo Wezilo de Mainz. É possível que tais fatos estejam relacionados com a oposição da coroação por parte do antipapa Clemente III (que pode ter sido embasada tanto na aproximação anterior de Vratislav com Gregório VII, quanto na relutância do duque boêmio em pagar tributo ao

---

<sup>28</sup> *Diplomata Henrici IV*, volume 2, diploma 390, pp.515.

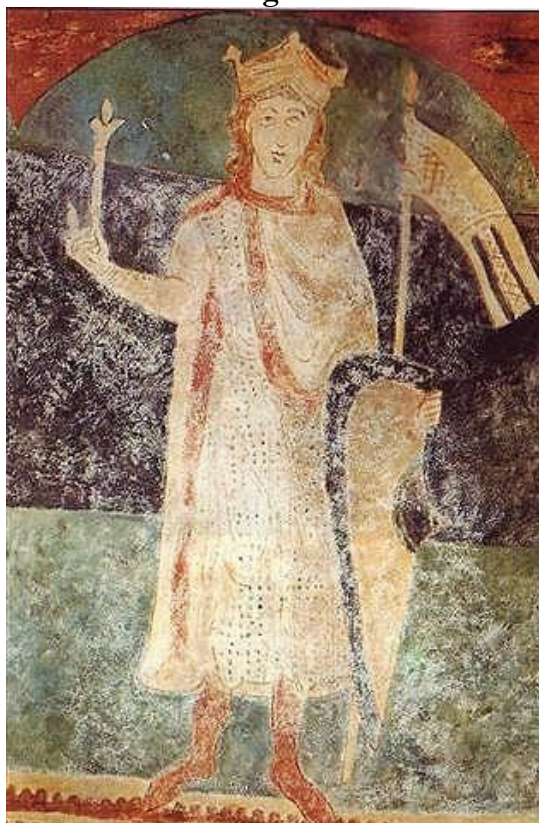
<sup>29</sup> COSMAS, II, pp.160-164.



antipapa), sendo que Wezilo de Mainz não quisesse se indispor com Clemente. De qualquer forma, a sagração de Vratislav não podia ser impedida, já que se tratava de um aliado de grande importância; sua coroação marcou mais um estágio na integração da Boêmia ao Império<sup>30</sup>.

Mas não se trata de uma elevação à realeza tradicional; além de ser ordenada pelo Imperador, ela foi uma verdadeira inovação no repertório político medieval.<sup>31</sup>

**Imagem 4**



Vratislav II nos afrescos da Capela de Santa Catarina em Znojmo.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> ROBINSON, 2004:251-2.

<sup>31</sup> “No sínodo de Mainz, Henrique IV criou uma nova forma de realeza, sem precedentes na Europa: a realeza *ad personam*, uma dignidade pessoal conferida a um indivíduo em particular e incapaz de ser herdada por seus sucessores. O sínodo de Mainz não transformou os Přemíslidas em uma dinastia régia, mas assinalou aos sucessores de Vratislav a possibilidade de que caso servissem ao imperador com igual distinção, eles poderiam receber a mesma recompensa. Henrique astutamente reteve o poder de conceder ou retirar o título régio”, ROBINSON, 2004:253.

<sup>32</sup> Fonte: <http://www.czechgallery.com/flag/image/3-czking.jpg>, acessada: 01/07/2015.

Por volta de 1134 foram pintados na capela de Santa Catarina na Rotunda do castelo ducal de Znojmo na Morávia uma série de afrescos que visavam representar os duques Přemíslidas até então, incluindo o coroado Vratislav.<sup>33</sup>

Contudo, como nos afrescos de Znojmo, as moedas emitidas após a coroação de Vratislav, ele inconfundivelmente porta sua nova coroa: em dez emissões ele foi representado com a cabeça coroada; em três ele porta o cetro e em duas se encontra em majestade, entronizado e portando todas as *regalia* (coroa, cetro e orbe), como pode ser visto abaixo.

**Imagem 5**



Denário de prata emitido por Vratislav II.<sup>34</sup>

Vratislav não foi passivamente recordado como rei, como demonstrado nos afrescos de Znojmo: ele propagou ativamente sua imagem como tal em suas emissões monetárias que, lembremos, eram as únicas que circulavam em seus domínios, propagando a toda população o seu novo status.

<sup>33</sup> Dvořáková, 2010.

<sup>34</sup> *Internet*,

<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/f/fc/KorunovacnidenarVratislavaII.jpg>.

Os sucessores de Vratislav, primeiro seu irmão caçula, depois seu primogênito, foram novamente intitulados como duques (sendo que sua realeza foi repudiada pelos magnatas boêmios) e assim, sem exceção, trocaram a coroa e as outras *regalia* pela lança em suas moedas, mas o trono permaneceu.

O duque Bořivoj introduziu a versão modificada do governante em majestade: ele não porta coroa, cetro ou orbe, mas está entronizado e em suas mãos se encontram a lança com *vexillum* e um escudo (ambos firmemente apoiados no solo, demonstrando a ligação do poder e autoridade do duque sobre seu território).

#### Imagens 6 e 7



Denário emitido por Bořivoj.<sup>35</sup>

Ao mesmo tempo em que as representações ducais se consolidaram nestas linhas, foi adotada a presença, no verso das moedas, de representações de São Václav (o martirizado duque Přemislida que governou entre 921 e 935), cujos atributos iconográficos são justamente a lança com *vexillum* (com uma águia estampada) e escudo, que passou também a ser representado entronizado. Fica clara a intenção dos duques boêmios de associar suas pessoas tanto às percepções ligadas à realeza quanto às ligadas à santidade de um ancestral direto, ampliando assim o escopo simbólico do ofício ducal.

Esta situação permaneceu assim até meados do século XII, quando da tenência ducal de Vladislav II (1140-1172), que elevou a participação boêmia nos assuntos imperiais, associando-se estreitamente aos Hohenstaufen e seus parentes imediatos, os Babenberger austríacos.

<sup>35</sup> Fonte: KATZ, 1980: 31.

Vladislav II desposou em 1140, Gertrude de Babenberg, meio-irmã do rei Conrado III de Hohenstaufen e irmã de Henrique II *Jasomirgott*, o então duque da Bavária (duque da Áustria a partir de 1156) e do bispo Otto de Freising, tornando-se assim, tio de Frederico *Barbarossa*. Com estas associações, Vladislav II inseriu-se na elite imperial (e, ao mesmo tempo, manteve viva a fidelidade à casa imperial Sália – mantida por Vratislav no século anterior – agora representada por seus descendentes Hohenstaufen). Em 1156 Vladislav voluntariou a si e suas tropas tanto para a expedição do *Barbarossa* contra a Polônia em 1157, quanto, principalmente, para a grande campanha do imperador contra Milão, que veio a se desdobrar entre 1158 e 1162.

**Imagem 8**



Denário emitido por Vladislav II, representando sua coroação por Frederico I *Barbarossa*.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> *Internet*, <http://studio.abalon.cz/cns/#>.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

Em troca, Frederico *Barbarossa* concedeu a Vladislav a coroa régia, sendo que sua primeira coroação ocorreu em Regensburg a 11/01/1158. Quando o recém-coroadado monarca retornou a Praga, os magnatas boêmios – diga-se de passagem, os mesmos guerreiros cujos serviços Vladislav havia voluntariado ao imperador – ficaram ultrajados ao invés de exultantes (ou mesmo intimidados) pelo novo status de seu senhor, obtido sem o seu consentimento ou anuência. A aparição de Vladislav, coroadado, foi claramente uma surpresa durante a assembleia na corte de Praga de 1158, que só não teve consequências adversas devido à mobilização militar para atacar a Lombardia (região rica cuja perspectiva de espólios para os combatentes era um fator de grande interesse para os mesmos).

Iconograficamente, este movimento resultou em uma verdadeira campanha propagandística nas moedas emitidas por Vladislav após 1158 que passaram a demonstrar impressionante consistência: excetuando-se pequenas variações entre os retratos em busto ou sentado, Vladislav quase sempre foi representado em majestade, portando todas as *regalia* (coroa, cetro e orbe). Apoiando-se nas tradições imagéticas e propagandísticas aperfeiçoadas por seus antecessores, o novo monarca promoveu em uma emissão, a representação de sua própria elevação régia, como se pode constatar a seguir.

No anverso deste denário, um monarca entronizado, portando uma grande coroa e um cetro em sua mão esquerda, entrega a outro personagem à sua direita (em pé, mas com os joelhos flexionados em atitude reverente), uma coroa encimada por uma cruz. O caráter de subordinação do duque elevado a rei ao imperador germânico fica patente, mas se trata de, como já comentamos, uma subordinação que empodera, já que atribui sua ascensão a um poder externo e maior, independente do consentimento dos homens livres boêmios, elevando-o claramente acima destes e de sua capacidade de interferir nas ações do novo monarca.

No verso do mesmo, encontra-se a representação de São Václav, ereto, com uma mandorla ao redor de sua cabeça, segurando a lança com *vexillum* à dextra, o escudo apoiado em sua perna esquerda e uma cruz na mão esquerda, que dialoga diretamente com a cruz na coroa recebida por Vladislav.

No único selo preservado do reinado de Vladislav (1169), de autenticidade indubitável, apresenta Vladislav entronizado, portando todas as *regalia* e no verso apresenta São Václav em um espelho com o monarca, só que na pose

majestática modificada que surgiu nas representações das moedas de Bořivoj: entronizado, lança com *vexillum* à dextra e escudo à sinistra, e a cabeça envolta pela mandorla, tornada análoga à coroa. Vladislav, assim como havia feito seu ancestral e antecessor Vratislav, manteve um repertório imagético estável, no qual a coroa predomina.

Imagem 9



São Václav entronizado no verso do selo de Vladislav II.<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Internet, <http://christianization.hist.cam.ac.uk/images/html/seal-of-king-vladislav-image.html>.

O título régio, de acordo com o diploma imperial de 1158<sup>38</sup>, supostamente possuía caráter hereditário (contrariando a disposição de Henrique IV no século anterior), sendo transmitido aos sucessores de Vladislav. Porém, as relações entre Vladislav e Frederico *Barbarossa* esfriaram após a morte do principal partidário imperial na corte boêmia, o Bispo Daniel de Praga, durante seu comando dos contingentes militares boêmios na tomada de Roma em 1167.<sup>39</sup> Assim, as disposições hereditárias do diploma imperial foram revogadas e os governantes Přemíslidas do último quarto do século XII novamente foram intitulados duques, mais uma vez graças à resistência dos magnatas que outra vez exploraram rivalidades entre os expoentes da linhagem, inconformados com a introdução do direito de primogenitura que os alijava do poder.

Vladislav II abdicou em 1172 em nome de seu primogênito Bedřich. Todavia o imperador Frederico *Barbarossa* não ratificou a sucessão e depôs Bedřich durante uma assembleia em Hermsdorf e escolheu Oldřich, filho de Sobeslav I e neto de Vratislav II para governar sobre a Boêmia. A princípio o novo duque aceitou a dignidade, mas então abdicou em favor de seu irmão mais velho, Sobeslav II (1173-8). Assim, o “ramo régio” dos Přemíslidas ainda se manteve no poder, mas o princípio de senioridade foi aplicado a seus membros, enquanto os Přemíslidas dos ramos morávios foram excluídos da sucessão em Praga.

Estas medidas não impediram futuras convulsões políticas, que tornaram a vida política na Boêmia em puro jogo de poder, sem regras claras que não aquela na qual em que o candidato mais forte poderia vencer. Em 1178 o *Barbarossa*, desapontado com a falta de ativo apoio militar por parte de Sobeslav, o depôs e restaurou Bedřich, filho de Vladislav II, fato que deu início a outra série de guerras civis no ducado; em 1182 Bedřich foi expulso e os magnatas ofereceram o título ducal a Konrád II Ota, duque de Znojmo e descendente de Vratislav. Contudo, devido a uma nova intervenção do *Barbarossa*, os magnatas foram forçados a aceitar Bedřich novamente.

Konrád, porém, efetivamente governava toda a Morávia independentemente do duque de Praga. Ele começou mesmo a adotar o título de margrave da

<sup>38</sup> *Diplomata Friderici I*, volume 1, diploma 201, p. 335-337.

<sup>39</sup> PERTZ, MGH SS 17, *Vincentii Pragensis annales, continuatio Gerlaci abbatis Milovicensis 1167-1198*, p. 683-5.

Morávia e alegou que o fazia com o beneplácito do imperador e não com o favor do duque boêmio.

Em 1189, após o falecimento de Bedřich, Konrád II Ota tomou o trono ducal em Praga praticamente sem oposição e imediatamente renunciou ao título de margrave. Quando Konrád faleceu sem herdeiros durante a epidemia que assolou o exército do imperador Henrique VI durante o cerco de Nápoles em 1191, o trono ducal foi transmitido, segundo seu testamento, ao membro mais velho da dinastia, Vladislav III, irmão de Sobeslav II, mas, a estas alturas, o princípio de senioridade não era mais respeitado e em 1192, Přemysl Otakar (filho caçula de Vladislav II), depôs Vladislav com o auxílio de seu primo, o bispo de Praga, Jindřich.

Numa clara tentativa de evitar novos conflitos com seu irmão, Přemysl Otakar nomeou-o Príncipe de Brno e Znojmo e Margrave da Morávia, tudo isso com consentimento de Henrique VI. Contudo, como os príncipes tchecos se revelaram incapazes de pagar as elevadas somas exigidas pelo imperador, ambos foram depostos e o poder sobre a Boêmia e a Morávia foi transferido para o já mencionado bispo de Praga, então tornado duque, fato que se revelou como o apogeu da posição dominante dos imperadores germânicos sobre os duques boêmios, já que não apenas demonstrou sua autoridade reconhecida como constituinte dos duques, mas, principalmente, porque a escolha de Jindřich rompeu todos os padrões sucessivos prévios na Boêmia.

Em 1197, com o falecimento tanto de Jindřich quanto de Henrique VI, abriu-se a oportunidade para os magnatas boêmios escolherem um novo duque, no caso, novamente Vladislav, o que desencadeou nova guerra civil entre este e Přemysl Otakar que se estendeu até 1198, quando Vladislav retornou à Morávia, deixando a Boêmia e a supremacia sobre todo o território a seu irmão mais novo.

Concomitantemente a estas convulsões políticas, houve um retorno às representações presentes na primeira metade do século, entre uma tenência monárquica e outra. Podemos destacar como representativo o selo ducal de Sobeslav II, em documento datado de 1175 que mantém os padrões do selo de Vladislav, apenas excetuando as *regalia*. Embora o título régio tenha sido afastado da liça, a representação ducal permanecia muito próxima da monárquica e houve um aprofundamento na conexão especular entre o duque reinante e seu patrono, São Václav.



**Imagens 10 e 11**



Anverso e verso do selo de Soběslav II.<sup>40</sup>

O grande desvio neste padrão ocorreu durante a tenência ducal de Jindřich, bispo de Praga entre 1182 e 1197 e, entre 1193 e 1197, simultaneamente duque da Boêmia. Suas emissões monetárias apresentam padrões iconográficos diferenciados: elas o mostram com os aparatos episcopais tradicionais, portando pálio e mitra. Em duas destas emissões, Jindřich porta um báculo em sua mão esquerda e uma lança com *vexillum* na direita.

Quando Přemysl, o já mencionado filho caçula de Vladislav II, retomou as rédeas do ducado em 1198, imediatamente se dedicou à obtenção do título régio, jogando entre os contendores do trono imperial: Felipe da Suábia e Otto de Braunschweig, representantes das principais casas nobres do Império: Hohenstaufens e Welfs.

Ele soube explorar o fato de que o ducado boêmio era uma das maiores unidades territoriais de um império enfraquecido pela guerra civil pelo trono imperial após a morte do imperador Henrique VI em 1197 e se declarou rei da Boêmia. As necessidades da guerra civil levaram ao reconhecimento de seu novo *status* pelo pretendente Hohenstaufen. Em 1200, Otakar rompeu com Felipe e se aliou a Otto, obtendo deste e do papa Inocêncio III novo reconhecimento de sua coroa. Em seguida, após uma invasão da Boêmia pelos Hohenstaufen, Otakar retomou definitivamente sua aliança com estes,

<sup>40</sup> Fonte: WOLVERTON, 2001:177.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

obtendo de Frederico II em 1212, a legitimação formal de sua realeza hereditária, através de um diploma selado com uma bula áurea.

As moedas emitidas no início de seu reinado, seguindo as práticas de Vratislav e Vladislav II, enfatizavam a realeza, inclusive reproduzindo seu selo: mostrando-o em majestade, entronizado, portando as *regalia*. Após 1212, quando uma reforma monetária transformou os denários cunhados nas duas faces por bracteates de face única, as imagens de São Václav desapareceram das cunhagens, sendo mantidas apenas no selo do monarca. Estes bracteates, emitidos até 1260, se tornam virtualmente idênticos uns aos outros, acabando com a variação típica das moedas boêmias do século XII e estabilizando a mensagem a ser transmitida aos súditos.

A partir de então, as variações na auto-representação imagética dos monarcas boêmios passam a ocorrer apenas nos seus selos. Em 1224, Přemysl Otakar adotou uma versão revisada do selo, no qual a representação do trono se tornou mais elaborada, além de incorporar uma águia ao escudo de São Václav. Os tradicionais atributos iconográficos ducais (lança com *vexillum* e escudo), só foram mantidos nas representações do santo duque.

É interessante notarmos que na representação de São Václav neste selo de Otakar I, o santo duque, além de ser representado entronizado (em espelho ao rei), deixa de ser representado com acessórios bélicos que não a lança e o escudo, vestindo trajes aparentemente clericais. Ou seja, diferentemente do selo de Sobeslav II previamente analisado, aqui nem o duque nem o santo trajam armaduras (as rodelas presentes nos joelhos de ambos lembram grevas, peças blindadas destinadas à proteção dos joelhos e das canelas), focando na realeza e na santidade; em outras palavras, o selo implica e amplia a conceituação ideológica da realeza sacra, importada do ocidente, particularmente do Sacro Império.

A auto-representação imagética dos monarcas boêmios evoluiu no correr do século XIII em outra direção, aproximando-os mais e mais das noções de nobreza ocidentais. No caso, houve maciça importação de conceitos, cultura e mesmo pessoal da Germânia para a Boêmia.

### Imagens 12 e 13



Anverso e verso do selo de Přemysl Otakar I.<sup>41</sup>

As relações entre eslavos e germânicos se tornaram cada vez mais complexas e mesmo paradoxais: os boêmios mantinham atitudes ambivalentes perante seus vizinhos mais poderosos. Em questões políticas e culturais eles frequentemente buscavam emular os padrões dos forasteiros. Contudo, simultaneamente, os boêmios se ressentiam de sua prosperidade e realizações, especialmente quando os germânicos passaram a receber favores especiais dos reis tchecos.

Em breve retomaremos os laços destas relações, mas, por enquanto, atentemos ao fato de que os Přemíslidas adotaram plenamente a cultura cavaleiresca ocidental em sua vertente germânica, incluindo a *Minnerhyrik* – conforme previamente analisado em relação a Václav II e o *Codex Manesse* – e a adoção dos modelos militares contemporâneos da Cavalaria. Jeffrey Ashcroft notou com grande acurácia o papel da lírica cortês para a aristocracia germânica da Idade Média Central.<sup>42</sup>

<sup>41</sup> Fonte: WOLVERTON, 2001:182.

<sup>42</sup> “Na Germânia em fins do século XII, a lírica cortês e a poesia narrativa tiveram a partir de suas primeiras manifestações na corte de Frederico I *Barbarossa* por volta de 1170, como uma de suas funções centrais, a demonstração do poder e do prestígio de reis e outros nobres e suas aspirações culturais, criando e propagando um sistema simbólico de valores morais e estéticos cortesões, por meio dos quais a nobreza germânica desenvolveu uma identidade de grupo e uma solidariedade que a demarcava em relação ao mando extra-Corte”, 2006: 211.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

De fato, a corte boêmia dos Přemíslidas reproduziu esta dinâmica durante o século XIII, através da importação da cultura *romance* por intermédio da Germânia, numa clara opção por uma ocidentalização, rejeitando influências políticas, religiosas e culturais de origem bizantina (ao contrário do que aconteceu mais ao sul entre Sérvios, Búlgaros e outras populações). É interessante que este processo de criação de uma identidade social nobre e cavaleiresca por intermédio da lírica cortês tenha ocorrido de forma paralela ao processo de construção de identidades imagéticas para os membros do mesmo grupo social, principalmente por intermédio do desenvolvimento e difusão da Heráldica.

O manuscrito do *Codex Manesse* é uma evidência crucial para a análise desses processos. Pode-se constatar esta mudança nos selos a partir de Václav I, primogênito e sucessor de Přemysl Otakar I: São Václav foi descartado e o verso dos selos passou a ser ocupado por uma segunda representação do monarca, desta vez a cavalo, com a lança baixada, na posição de carga. Ademais, houve a gradativa inclusão de outra importação: a de dispositivos heráldicos associados tanto aos domínios monárquicos quanto às aspirações de poder da dinastia.

Václav I portava no escudo a águia associada ao seu santo homônimo, completando o processo de assimilação iconográfica entre governante e santo, iniciado mais de um século antes, como pode ser visto a seguir.

O selo de Václav I traz em si uma grande inovação para a auto-representação iconográfica dos governantes boêmios: sua inclusão em um movimento que, na Germânia imperial, teve início na segunda metade do século XII, a adoção da identidade cavaleiresca pela alta nobreza, incluindo os próprios imperadores Frederico I *Barbarossa* e Henrique VI, fato que ficou claríssimo pela participação do velho monarca no grande torneio que festejou o adubamento cavaleiresco de Henrique na assembleia de Mainz em 1184.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> Analisada em detalhe em ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. “A Assembléia de Mainz (1184): o fato e sua repercussão nos romances cavaleirescos germânicos”, In MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*, São Paulo: Humanitas, 2012, p. 627-640.

**Imagem 14**



Anverso do selo de Václav I.<sup>44</sup>

Tal medida se coaduna perfeitamente com o fato de que Václav I foi um grande incentivador da importação da cultura cavaleiresca germânica para a corte de Praga, tendo convidado muitos letrados germânicos, incluindo o *minnesinger* Reinmar von Zweten (também arrolado no *Codex Manesse*) na qualidade de seu poeta de corte.

Porém, foi seu sucessor imediato o responsável pelo aperfeiçoamento do valor politicamente declaratório da iconografia presente nos selos, como se pode notar a seguir no selo de Přemysl Otakar II.

<sup>44</sup> *Internet,*

[https://en.wikipedia.org/wiki/Wenceslaus\\_I\\_of\\_Bohemia#/media/File:VaclavI.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Wenceslaus_I_of_Bohemia#/media/File:VaclavI.jpg).

**Imagem 15**



Verso do selo régio de Přemysl Otakar II.<sup>45</sup>

Este exemplar magnificamente preservado demonstra mais do que a adoção de dispositivos heráldicos como forma de auto-representação iconográfica, ligada aos domínios do monarca: o *vexillum* da lança deixa de lado a águia de São Václav (ainda presente no escudo de Václav I) e adota o leão rampante de dupla cauda, representativo da Boêmia e, na *caparison* que recobre o cavalo, se encontram um escudo com uma águia, que tanto pode representar o escudo de São Václav, quanto pode representar o brasão adotado para a Morávia.

Todavia, as maiores surpresas no campo heráldico se encontram no escudo portado pelo monarca como cavaleiro: nada menos do que as três faixas

<sup>45</sup> JAN & KACETL, 2010: 79.

horizontais que se tornaram o brasão austríaco (vermelho, branco e vermelho) e no *caparison*, especificamente na parte que recobre o pescoço do cavalo, se encontra o brasão que representa o ducado da Caríntia, hoje parte da Áustria.

Trata-se de claras alusões às conquistas territoriais que Otakar II (1253-1278) fez nos domínios austríacos (Áustria, Estíria e Caríntia), devido à disputa com os Habsburgos pelo espólio territorial deixado pelo fim da linhagem dos Babenberger em 1246<sup>46</sup>. Sua agressiva política expansionista objetivava um projeto de unificação dos reinos eslavônicos ocidentais (Boêmia, Hungria-Croácia e Polônia) como um quarto e mais poderoso reino dentro do Sacro Império, garantindo a supremacia régia e imperial da linhagem Přemíslida, sendo esta a principal razão da tentativa que Otakar II fez para se tornar Sacro Imperador, rivalizando com Rudolf I de Habsburgo. Este processo só foi detido com a derrota e morte do assim apelidado “rei de ferro e ouro” na batalha de Dürnkrut (1278) perante a aliança entre Rudolf I e Laszlo IV da Hungria.<sup>47</sup>

Assim, podemos declarar como encerrado o processo de análise da “Arqueologia das representações” iconográficas ducais e régia dos governantes Přemíslidas que culminou com as representações anteriormente analisadas de Václav II.

## Conclusão

Variações na efigie ducal, São Václav e a combinação de diversos atributos – trono, lança com *vexillum* e escudo – todos caracterizaram a iconografia “oficial” do *dux Boemorum* por um período de quase dois séculos, estampadas em centenas de emissões monetárias cunhadas, um punhado de selos e nos extraordinários afrescos de Znojmo. Nenhum elemento singular ou combinação era considerado como essencial, mas a lança com *vexillum* e o escudo se tornaram reconhecidos como os atributos padronizados dos duques Přemíslidas (em sua associação com São Václav, que também se constituiu como um elemento integral do programa iconográfico ducal).

---

<sup>46</sup> JAN & KACETL, 2010, particularmente os artigos “Os anos morávios de Přemysl: da coroa régia à herança Babenberg”, de Martin Wihoda e “Přemysl Otakar II e a aquisição das terras da herança Babenberg”, de Robert Antonín.

<sup>47</sup> ROWELL, 1999: 761.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

As variações, tão presentes nas emissões ducais, foram substituídas pela predominância de uma quase homogênea representação monárquica. Como bem recorda Wolverton, “Não por acidente, foi a coroa, ao invés do orbe ou do cetro, tão assiduamente exibida nas moedas e selos dos reis tchecos: foi a concessão imperial do direito de portá-la e de ser coroado que fez reis destes três duques” (Vratislav, Vladislav e Přemysl Otakar).

Não obstante as claras transformações na cultura política boêmia, refletida nas auto-representações destes monarcas, a historiografia tcheca costuma afirmar que as elevações à realeza tiveram na prática efeitos negligenciáveis na vida política tcheca nos séculos XI e XII.<sup>48</sup>

Contudo, o que se pode depreender da dinâmica dos processos sociopolíticos boêmios é que os principais desafios enfrentados pelos duques boêmios e que guiaram Vladislav e Přemysl Otakar à realeza, foram suas relações tensas com os poderosos homens livres tchecos pelo controle da sucessão (não por acaso ambos ascenderam em contextos de sérias disputas pelo controle do ducado) e as disputas que ocorriam entre os membros viáveis da linhagem nas mesmas ocasiões. Para tanto, estes dois governantes se apropriaram propositalmente da singular, bem desenvolvida e decididamente estrangeira ideologia associada aos rituais e imagética da realeza medieval ocidental.

Assim, na verdade, tanto a evidência documental quanto o curso dos acontecimentos indicam claramente que o controle da sucessão foi um objetivo preponderante das elevações à realeza. A iconografia reflete a situação: o duque guerreiro pouco se destacava dos outros guerreiros boêmios, sendo, como dito anteriormente, um *primus inter pares*, tanto em relação a todos os homens livres do território, quanto em relação a todos os membros masculinos da linhagem Přemíslida. Isso foi substituído pela imagem régia, que investe pesadamente na figuração majestática, portando as *regalia*; ao mesmo tempo, reforçaram sua conexão com a santidade de São Václav nas moedas e selos, só sendo abandonada quando da efetivação da

---

<sup>48</sup> Podemos tomar como exemplo típico esta conclusão do historiador Jiří Kejř: “A elevação régia não trouxe nada de novo ao ordenamento legal da Boêmia, posto que, em termos de governança, era irrelevante se a titulação do governante fosse régia ou ducal. Nem Vratislav, Vladislav ou Přemysl Otakar obtiveram novas terras, rendimentos, outros direitos ou privilégios em conexão a esta realeza intermitente”, KEJŘ, 1994: 111.





SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

monarquia hereditária associada à primogenitura, com a passagem entre Přemysl Otakar I e Václav I.

A exposição por Vratislav, Vladislav e Přemysl Otakar I das insígnias amplamente reconhecidas como exclusivas dos reis, constituiu na adoção de uma tradição iconográfica compreensiva e completamente desenvolvida fora das terras boêmias. Os ideais associados à realeza cristã estavam profundamente incorporados aos rituais de coroação e sepultamento, uso das *regalia*, titulação e linguagem formulaica empregadas tanto em referência ao Rei quanto em seus próprios diplomas e cartas. Os rituais de coroação e iconografia régia já estavam plenamente desenvolvidos em fins do século XI e os boêmios os adotaram no estado em que se encontravam.

Para Vladislav e Otakar I, a estabilidade, a adoção de modelos externos e as associações rituais características da iconografia ducal para a régia foram integrais tanto para a ideologia quanto para os objetivos destes astutos governantes.

Como já elaborado anteriormente, a iconografia ducal, focada na lança com *vexillum* e escudo caracteristicamente guerreiros, refletia o fato de que os duques, embora possuíssem vastos poderes, simbolicamente pouco diferiam de seus súditos. Já os reis eram constituídos por intermédio da unção e da coroação, liturgias cristãs com normas estabelecidas e que traziam consigo insígnias que não possuíam outros propósitos que não os de simbolizar a realeza e, diferentemente da lança e escudo, não eram portados por mais ninguém. Apenas a consorte do monarca, ungida com seu marido, podia portar uma coroa.

Considerando em retrospecto a anômala elevação régia de Vratislav, Vladislav e Přemysl Otakar reconheceram as vantagens inerentes da realeza. Mais do que um sinal de promoção na hierarquia de títulos, a coroa tão ostensivamente exibida por Vladislav e Otakar significava nada menos do que uma transformação fundamental nos processos sociopolíticos nas terras boêmias.

Os rituais de unção e coroação eram, conforme entendidos pelos contemporâneos, atos constitutivos da Realeza. Vratislav, Vladislav e Přemysl Otakar foram ungidos e coroados, receberam o direito de portar a coroa e ser chamados “Reis”. As moedas e os selos com imagens coroadas comemoravam o ritual de concessão da realeza. Todas as imagens do



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

governante coroado, em última instância, se referem às ocasiões singulares nas quais eles mesmos haviam sido coroados pela primeira vez pelo imperador e então ungidos. O denário mostrando *Barbarossa* concedendo a coroa a Vladislav é meramente mais explícito. A coroa, tão comumente representada nas moedas e selos e no afresco em Znojmo, não era um mero atributo ou emblema régio – ao menos não nas terras tchecas – ela os **fez** reis. Para os reis boêmios, o orbe e o cetro parecem ter sido elementos iconográficos opcionais, diferentemente da coroa, seguindo a mesma lógica. A relativa consistência iconográfica das moedas dos reis quando comparada às dos duques é assim um resultado direto da coroa, em seu papel comemorativo, como a imagem definidora do duque feito rei.<sup>49</sup>

Todavia, as imagens dos governantes boêmios aqui analisadas, demonstram que ser “duque” e ser “rei” não eram mutuamente excludentes. Em Znojmo, Vratislav porta sua coroa e cetro, mas mantinha firmemente em sua mão esquerda a lança com *vexillum* e o escudo, também exibidos pelos outros duques ali representados. Em algumas cunhagens emitidas por Vladislav após 1158, pode-se ler a inscrição *Rex Wladislavs*, enquanto o governante porta o orbe na mão direita e apoia o conjunto lança/escudo na mão esquerda. Já nas cunhagens nas quais o duque não mantém nenhum dos atributos ducais, eles ainda apareciam frequentemente nas representações de São Václav, no verso das moedas.

São Václav, por sua vez, foi empregado como parte crítica no programa imagético dos duques boêmios, algo que os primeiros reis não repudiaram. Ao incluir Václav, o Santo Duque, nas mesmas moedas e selos que exibiam suas representações como reis em majestade, estes três monarcas permaneciam ainda como duques. Afinal, eles mantinham as vastas vantagens materiais que os duques boêmios há muito desfrutavam – mesmo que eles tivessem iniciado a transformação simbólica de seu poder e autoridade.

Finalmente, o longo processo transformativo das realidades políticas, culturais e de cultura política nas terras boêmias alcança seu apogeu no reinado de Václav II, com a incorporação plena de todo o aparato ritual e imagético da tradição monárquica ocidental, assim como da identidade e cultura cavaleirescas, permitindo que um anônimo iluminador suíço pudesse no século XIV captar tão perfeitamente a representação do monarca boêmio e de

---

<sup>49</sup> WOLVERTON, 2001: 252.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

sua corte, ambos etnicamente não germânicos, mas, culturalmente, parte pujante do *milieu* cultural e político, característicos do Sacro Império.<sup>50</sup>

\*\*\*

## Fontes

- APPELT, Heinrich (ed.). *Friderici I Diplomata, tomus X, pars 1*, Berlim: Monumenta Germaniae Historiae, 1975.
- Codex Manesse, Codex Palatinus Germanicus* 848. Facsímile digital: <http://www.ub.uni-heidelberg.de/allg/benutzung/bereiche/handschriften/codexmanesse.html>.
- COSMAS OF PRAGUE (trad. Lisa Wolverton). *The chronicle of the Czechs*, Washington D.C.: Catholic University of America Press, 2009.
- GLADISS, Dietrich von & GAWLIK, Alfred (ed.). *Henrici IV Diplomata, tomus VI, pars 2*, Berlim: Monumenta Germanica Historiae, 1959.
- PERTZ, Georg Heinrich (ed.). *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores XVII*, Stuttgart, 1861.
- WALTHER, Ingo & SIEBERT, Gisela. *Codex Manesse, Die Miniaturen der Große Heidelberger*, Frankfurt: Insel Verlag, 1988.

## Bibliografia

- AGUIAR, Thiago Borges de. *Jan Hus: As cartas de um educador e seu legado imortal*, São Paulo: Annablume, 2012.
- ANDERSON, Perry. *Passagens da Antiguidade ao Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- ANTONÍN, Robert. *Zabraniční Politika Krále Václava II v Letech 1283-1300*, Brno: Matice moravská, 2009.
- ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. “A Assembléia de Mainz (1184): o fato e sua repercussão nos romances cavaleirescos germânicos”, In MONGELLI, Lênia Márcia (org.). *De cavaleiros e cavalarias. Por terras de Europa e Américas*, São Paulo: Humanitas, 2012, pp. 627-640.
- ARAUJO, Vinicius Cesar Dreger de. “Henrique VI de Hohenstaufen em majestade: Uma análise de suas representações imagéticas entre o *Liber ad honorem Augusti* (1197) e o *Codex Manesse* (1340)”, *Revista OPSIS*, Catalão: UFG, v. 14, n. 2, pp. 339-359 - jul./dez. 2014.
- ASHCROFT, Jeffrey. “The Power of Love: Representations of Kingship in the Love-songs of Henry VI and Frederick II and in the *Manesse Codex* and the *Liber ad Honorem Augusti*”

---

<sup>50</sup> Gostaria de agradecer ao apoio dado pelo colega **Gesner Las Casas Brito Filho** (doutorando na Universidade de Leeds) na inestimável obtenção de bibliografia e ao Prof. **Robert Antonín** (Universidade de Ostrava, República Tcheca), por haver-me cedido uma cópia digital de seu livro já esgotado, além de gentil encorajamento! Por último, mas não menos importante, agradeço à Profa. **Tainara Duarte** pelas leituras, sugestões e o companheirismo de sempre!



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

- of Peter of Eboli”, in: MACLEAN, Simon & WEILER, Björn (ed.). *Representations of Power in Medieval Germany 800-1500*, Turnhout: Brepols, 2006, pp. 211-240.
- BASCHE, Jérôme. *L'Iconographie Médiévale*, Paris: Gallimard, 2008.
- BEDOS-REZAK, Brigitte Miriam. *When Ego was Imago – Signs of Identity in the Middle Ages*, Leiden: Brill, 2011.
- BEREND, Nora, URBAŃCZYK, Przemysław & WISZEWSKI, Przemysław. *Central Europe in the High Middle Ages – Bohemia, Hungary and Poland c.900-c.1300*, Cambridge: CUP, 2013.
- BOWLUS, Charles. *Franks, Moravians, and Magyars : The Struggle for the Middle Danube, 788-907*, Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.
- BUMKE, Joachim. *Courtly Culture – Literature and Society in the High Middle Ages*, Woodstock: Overlook Press, 2000.
- CHARVÁT, Petr. *The Emergence of the Bohemian State*, Leiden: Brill, 2010.
- COSTA, Ricardo da. “Codex Manesse: quatro iluminuras do Grande Livro de Canções manuscritas de Heidelberg (séc. XIII) - análise iconográfica, primeira parte”, *Brathair* 1(1), 2001, p. 03-12. *Internet*, <http://ppg.revistas.uema.br/index.php/brathair/article/viewFile/677/606>.
- DVOŘÁKOVÁ, Kateřina. “Dating the Romanesque Mural Paintings and the Ducal Rotunda of St. Catherine, in Znojmo: New Discoveries”, *Interdisciplinaria Archaeologica*, Volume 1, 1, 2010, pp. 99-104.
- DVOŘÁKOVÁ, Kateřina. “Survey of Mural Pigment Samples from the Rotunda of Saint Catherine, Znojmo”, *Interdisciplinaria Archaeologica*, Volume 2, 2, 2011, pp. 159-174.
- FABRE, Martine. *Sceau Médiéval – Analyse d’une pratique culturelle*, Paris: L’Harmattan, 2001.
- FUHRMANN, Horst. *Germany in the High Middle Ages c. 1050-1200*, Cambridge: CUP, 1995.
- JAN, Libor & KACETL, Jiří. *Pocta Králi – K. 730 výročí smrti českého krále rakovského vérody moravského markraběte Přemysla Ottakara II*, Brno: Matice moravská, 2010.
- KALHOUS, David. *Anatomy of a Duchy - The Political and Ecclesiastical Structures of Early Přemyslid Bohemia*, Leiden: Brill, 2012.
- KATZ, Viktor. *A Thousand Years of Bohemian Official Coinage 929-1929*, New York: Sanford J. Durst Numismatic Publications, 1980.
- KEJŘ, Jiří. “Böhmen zur Zeit Friedrich Barbarossas”, in: ENGEL, Evamarie & TÖPFER, Bernhard (ed.). *Kaiser Friedrich Barbarossa: Landesbau – Aspekte seiner Politik – Wirkung*, Weimar, 1994, pp.101-113.
- KLAPŠTĚ, Jan. *The Czech Lands in Medieval Transformation*, Leiden: Brill, 2012.
- NICOLLE, David. *Arms & Armour of the Crusading Era 1050-1350 – Western Europe and the Crusader States*, Londres: Greenhill, 1999.
- NIERMEYER, Jan F. *Mediae Latinitatis Lexicon Minus*, Leiden: Brill, 1976.
- ROBINSON, Ian S. *Henry IV of Germany*, Cambridge: CUP, 2004.
- ROWELL, S. C. “The Central European Kingdoms”, in: ABULAFIA, David (ed.). *The New Cambridge Medieval History vol. 5 (1198-1300)*, Cambridge: CUP, 1999, pp. 754-778.
- SCALES, Len. *The Shaping of German Identity – Authority and Crisis, 1245-1414*, Cambridge: CUP, 2012.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens – Escritos sobre a cultura visual na Idade Média*, Bauru: EDUSC, 2007.
- SPUFFORD, Peter. *Money and its use in Medieval Europe*, Cambridge: CUP, 1988.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)  
*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*  
*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*  
*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

- THOMAS, Alfred. "Czech-german relations as reflected in Old Czech Literature", in:  
BARTLETT, Robert & MacKEY, Angus (ed.). *Medieval Frontier Societies*, Oxford: OUP,  
1992, p. 199-214.
- VACHA, Brigitte & POHL, Waler. *Die Welt der Babenberger – Schleier, Kreuz und Schwert*,  
Graz: Verlag Styria, 1995.
- WOLVERTON, Lisa. *Hastening toward Prague: Power and Society in Medieval Czech Lands*,  
Philadelphia: Pennsylvania UP, 2001.



SALVADOR GONZÁLEZ, José María (org.). *Mirabilia Ars* 3 (2015/2)

*La Imagen del Poder. Epifanías de la Potestas*

*A Imagem do Poder. Epifanias da Potestas*

*The Image of Power. Epiphanies of Potestas*

Jul-Dec 2015/ISSN 1676-5818

### Anexo: Quadro Cronológico dos Governantes Boêmios 1061-1306

Nome	Período de Governo	Relações de Parentesco e continuidade
Vratislav	1061-1086 como Duque; 1086-1092 como Rei.	
Konrád I Brněnský	1092, Duque.	Irmão de Vratislav.
Břetislav II	1092-1100, Duque.	Primogênito de Vratislav; assassinado.
Bořivoj II	1100-1107, Duque.	Segundo filho de Vratislav; deposto pelo primo, Svatopluk em conluio com seu irmão, Vladislav I.
Svatopluk	1107-1109, Duque.	Assassinado.
Vladislav I	1109-1117, Duque.	Terceiro filho de Vratislav; abdicou em nome de Bořivoj II.
Bořivoj II	1117-1120, Duque.	Deposto por Vladislav I.
Vladislav I	1120-1125, Duque.	
Soběslav I	1125-1140, Duque.	Filho caçula de Vratislav.
Vladislav II	1140-1158 como Duque; 1158-1172 como Rei.	Filho de Vladislav I.
Bedřich	1172, Duque.	Primogênito de Vladislav II; deposto por Frederico I <i>Barbarossa</i> .
Oldřich	1172-3, Duque.	Filho de Soběslav I; abdicou em favor de seu irmão, Soběslav II.
Soběslav II	1173-1178, Duque.	Filho de Soběslav I; deposto por Frederico I <i>Barbarossa</i> .
Bedřich	1178-1182, Duque.	Deposto pelos magnatas boêmios.
Konrád II Ota	1183, Duque.	Bisneto de um irmão de Vratislav; deposto por Frederico I <i>Barbarossa</i> .
Bedřich	1183-1189, Duque.	
Konrád II Ota	1189-1191, Duque.	
Václav	1191-1192, Duque.	Filho caçula de Soběslav I; deposto por Přemysl Otakar I.
Přemysl Otakar I	1193, Duque.	Segundo filho de Vladislav II; deposto pelo imperador Henrique VI.
Jindřich Břetislav	1193-1197	Bispo de Praga e Duque da Boêmia.
Vladislav Jindřich	1197, Duque	Terceiro filho de Vladislav II; deposto por Přemysl Otakar I.
Přemysl Otakar I	1198-1232, Rei	
Václav I	1232-1253, Rei	Primogênito de Přemysl Otakar I
Přemysl Otakar II	1253-1278, Rei	Primogênito de Václav I
Václav II	1278-1305, Rei	Primogênito de Přemysl Otakar II
Václav III	1305-1306, Rei	Primogênito de Václav II, último membro masculino da linhagem Přemislida.